



UNIVERSITÉ DE MONTRÉAL

CEDI - P. I. B.
DATA 02, 09, 86
COD. Z0/B11

PROJETO ZORO DE ETNOMEDICINA
=====

RESPONSAVEL: Dr. Lionel Vallée, Ph.D.
=====

SEGUNDA PESQUISA DE CAMPO
=====

RELATORIO DAS ATIVIDADES DE PESQUISA DESENVOLVIDAS PELOS ANTROPOLOGOS GILIO BRUNELLI E SOPHIE CLOUTIER DA UNIVERSIDADE DE MONTREAL (CANADA) ENTRE OS INDIGENAS ZORO DE 11.07.1985 A 30.11.1985

Montréal, 1 de Fevereiro de 1986

INDICE DE MATERIA

Introdução	2
Chegada ao campo	2
Integração à sociedade nacional	6
Dados etnográficos	7
Estudos de população	8
Patologias registradas	13
A administração de cuidados médicos	16
Medicina tradicional	20
O mundo das mulheres e os cuidados das crianças	24
Higiene e alimentação	28

INTRODUCAO

Este relatório das atividades desenvolvidas no meio dos indígenas Zoró abrange a segunda etapa de nossa pesquisa de campo, realizada no verão de 1985.

Como já dissemos em nosso primeiro relatório, repetimos agora que não estamos apresentando análises e interpretações científicas e sim uma relação clara e concisa dos trabalhos mais interessantes que conseguimos realizar junto dos índios Zoró.

Acrescentamos que este segundo relatório deve ser lido como uma continuação do primeiro porque as atividades que desenvolvemos em 1985 constituíam o aprofundamento lógico dos trabalhos iniciados em 1984.

CHEGADA AO CAMPO

Chegamos à aldeia da Frente de Atração Zoró no dia 11 de Julho de 1985 e lá permanecemos até o dia 25 de Setembro de 1985. O mesmo avião que nos levou à aldeia zoró levou de volta para Jipará o encarregado da Frente, Sr. Natalicio da Silva Maia, e não

tendo outros funcionários da FUNAI presentes na aldeia, nós ficamos sozinhos com os Zoró até o fim de Julho, quando o encarregado da Frente voltou trazendo a família dele.

Mais tarde, no mês de Agosto, um trabalhador braçal - de quem nós conhecemos somente o nome: Luis Carlos, porque todo mundo continuamente apelidava ele de "Amazonas" - chegou na F.A. Zoró e la ficou até o dia de nossa saída.

Fomos acolhidos com muita alegria pelos Zoró que estavam aguardando nossa volta e ao longo de todo o período de nossa permanência no meio deles os laços de compreensão, colaboração e amizade foram se estreitando sempre mais.

Durante nossa permanência com eles tivemos a oportunidade de presenciar a muitos acontecimentos importantes que, muito embora não dissessem respeito diretamente às pesquisas específicas que nós estávamos desenvolvendo, contribuíram enormemente para determinar as condições concretas do trabalho de colheta da informação.

Dentro destes acontecimentos queremos destacar as hostilidades que os Zoró começaram contra os colonos brancos que tinham invadido seu território atual.

No dia 26 de Agosto de 1985 cerca de 40 guerreiros zoró

tiveram que pegar em suas armas para enfrentar os invasores que tinham avançado dentro do território zoró e já estavam abrindo picadas e derrubando a mata a três horas de caminho da aldeia zoró. Foi uma verdadeira guerra que aconteceu em poucos dias, com tomada de refens, destruição de ranchos e pinguelas, apoderamento dos pertencentes dos invasores e não houve mortes somente porque os Zoró não quiseram matar ninguém.

Depois que os guerreiros voltaram da expedição de guerra e mesmo depois que os refens foram soltos, o clima de guerra permaneceu na F.A.Zoró e, por todo o período que nós continuamos lá, escoltas eram enviadas duas vezes por semana na mata para espreitar os movimentos dos brancos invasores.

Nessa hora a aldeia inteira vivia num clima de tensão e de agitação, e nós com eles, mas quando com a libertação dos refens os momentos mais difíceis e dramáticos da guerra terminaram, nosso relacionamento com os Zoró só foi aprofundando e melhorando. Com isso, quando deixamos a Frente, em 25 de Setembro de 1985, deixamos não somente informantes e colaboradores sempre atentos e disponíveis, mas também companheiros e amigos que mais uma vez estão aguardando nossa volta.

Depois de saídos da F.A.Zoró, graças a um entendimento

com o delegado regional da VIII D.R. da FUNAI em Porto Velho, Sr. Amaury Vieira, que sempre apoiou nossa pesquisa e nos proporcionou toda a ajuda e o apoio de que precisávamos, conseguimos realizar mais uma temporada de pesquisa no campo, desta vez na A.I. do Igarapé Lourdes.

Nós considerávamos importante uma estadia naquela área indígena porque além de ser o território dos Gavião, o grupo indígena que mais se assemelha aos Zoró, cujo estudo nos permitiria umas análises comparativas que poderiam ser da maior importância pela compreensão dos próprios Zoró, é lá que depois de 1978 umas dezenas de Zoró estabeleceram sua residência e continuam vivendo até hoje. Compreende-se então o interesse e a necessidade que tínhamos de poder encontrá-los.

Chegamos no Posto Indígena do Igarapé Lourdes no dia 05 de Novembro de 1985, acompanhados pelo Sr. Catarino Sebirop da Silva e lá permanecemos até o dia 30 de Novembro de 1985.

Os Gavião representavam para nós um povo quase desconhecido, a não ser uma curta visita que a Sra. Sophie Cloutier realizara no verão de 1984. Os próprios Zoró da A.I. do Igarapé Lourdes não nos eram familiares. Por isso, desde o começo de nosso trabalho, procuramos estabelecer relações de amizade e colaboração com os indíge-

nas. No curto período que passamos com eles realmente este clima de diálogo e de confiança foi nascendo e isso nos permitiu realizar os objetivos científicos que nos tinham levado até lá.

INTEGRACAO A SOCIEDADE NACIONAL

De forma geral pode-se afirmar que os Zoró estão se integrando cada vez mais à sociedade nacional brasileira. Por exemplo, enquanto em 1984 o dinheiro quase não existia na aldeia, em 1985 ele fez sua entrada em quase todas as casas graças à venda da seringa que nesse ano os Zoró começaram a explorar. Ela é explorada em base individual e os lucros também são apropriados de forma individual, servindo para comprar - com a ajuda do encarregado da frente - os produtos ocidentais dos quais agora precisam.

A introdução e utilização do dinheiro, integrando os Zoró ao sistema de mercado da economia nacional, está tendo consequências sérias na organização e na vida zoró.

DADOS ETNOGRAFICOS

Continuamos em 1985 o estudo da etnografia geral dos Zoró, aprofundando uns temas começados em 1984 e orientando a pesquisa rumo aos setores de investigação que não tínhamos conseguido alcançar o ano anterior.

Assim colhemos informações sobre a dinâmica social, política e religiosa da sociedade zoró antes do contato com a sociedade nacional. Informações, por exemplo, sobre o exercício da chefia, a residência post-marital, o esquema de estabelecimento e a distribuição da população no território, a rede das trocas, guerras e alianças entre grupos locais e com as tribos vizinhas, movimentos de população e migrações, festas, cerimônias e rituais.

O descobrimento da existência e do nome dos antigos grupos locais - muitos dos quais são agora extintos - ajudou-nos também para avaliar, de maneira aproximativa, as dimensões demográficas da população zoró antes do contato.

Esses antigos grupos locais ocuparam sucessivamente várias zonas durante o século atual se estendendo sobre regiões muito mais vastas do território que o governo brasileiro reconhece hoje aos Zoró.

Colhemos também um certo número de mitos e descobrimos que os Zoró, como seus primos Gavião, possuem uma mitologia muito rica

e variada, à qual tivemos acesso também graças à ajuda de uns interpretes que encontramos no P.I. do Igarapé Lourdes.

Fizemos observações também sobre a prática religiosa da crença evangélica americana à qual os Zoró agora aderem, sobretudo no tocante às curas executadas na igreja.

E' claro que todos estes temas foram investigados em sua dimensão histórica, procurando remontar o mais longe possível no passado por um lado e, por outro lado, dando uma enorme atenção às transformações recentes.

ESTUDOS DE POPULACAO

A partir do recenseamento feito durante nosso trabalho de campo de 1984, procuramos completar os dados sobre a população zoró até o fim de 1985 e corrigir eventuais erros do levantamento anterior.

A 27 de Setembro de 1984 a população indígena do F.A.Zoró constava de 169 pessoas, sendo 167 Zoró, 1 Arara e 1 Cinta Larga. Em nosso relatório de 1984 nós escrevemos que eles eram 172, mas estávamos enganados.

A partir dessas 169 pessoas, então, a população cresceu.

Até o final de Novembro de 1985 houve 12 nascimentos na

F.A.Zoró, dos quais 3 aconteceram enquanto nós estávamos na área. As crianças são 10 Zoró, 5 homens et 5 mulheres, e 2 Cinta Larga. Não conhecemos o sexo dos nenês Cinta Larga porque seu nascimento se deu depois que nós tínhamos saído da área e só fomos informados que tinha ocorrido, sem maiores detalhes. Na mesma hora, 30.11.1985, uma mulher se encontrava num estado avançado de gravidez e devia parir até o final de 1985. Contudo, nada sabendo quanto ao efetivo nascimento dessa criança, ela não esta computada neste recenseamento.

Houve somente 1 caso de morte, tratando-se de uma das meninas nascidas quando nós estávamos na área. A menina nasceu prematura e aguentou somente 5 dias (23.07.85 - 27.07.85).

Uma menina de 3 anos, filha de mãe zoró e de pai gavião, que tinha acompanhado a mãe quando os Zoró voltaram para seu território tradicional, foi devolvida à família do pai e vive agora, como nós mesmos constatamos, junto da família dele no P.I. do Igarapé Lourdes. Conforme as regras de descendência desses grupos Tupi-Mondé ela é Gavião e não Zoró.

Houve também varias imigrações. Um grupo de parentesco zoró que depois do contato oficial de 1978 fora viver no P.I. Roosevelt

em razão de alianças matrimoniais contraídas com indígenas Cinta Larga, voltou para visitar seus parentes da F.A.Zoró e decidiu ficar. Trata-se de 3 mulheres e 1 homem zoró. Com eles vieram também os aliados Cinta Larga, 2 homens e 1 mulher. Os filhos que 2 dessas mulheres têm, considerados Cinta Larga, são 7, sendo 3 meninos, 2 meninas e os 2 nenês cujo sexo desconhecemos.

Também uns Zoró que moravam no P.I. do Igarapé Lourdes em Outubro de 1985 voltaram morar com seus parentes da F.A.Zoró. Trata-se de 3 pessoas: 2 homens e 1 mulher.

Calculando todos esses numeros depreende-se que em fim de Novembro de 1985 havia na F.A.Zoró 194 pessoas indígenas, sendo 182 Zoró, 11 Cinta Larga e 1 Arara.

Em termos de relações sociais houve 3 casamentos: um em Fevereiro de 1985 e 2 em Outubro desse mesmo ano, sendo esta a razão pela qual 2 Zoró que moravam no P.I. do Igarapé Lourdes mudaram para a F.A.Zoró.

Houve também 2 divórcios: dois irmãos cinta larga casados com duas mulheres zoró, as mandaram de volta, com as crianças, para a F.A. Zoró.

O estudo da distribuição da população por unidade de residência, realizado no dia 4 de Agosto de 1985, quando na F.A.Zoró moravam 188 pessoas, não mostra grandes diferenças em termos estatísticos para com o mesmo estudo que fizemos em 1984.

Contamos 36 unidades de residência, sendo 35 casas quadradas e 1 pequena casa ovoidal. A média da população residente em cada unidade é de 5,2 pessoas, variando de 2 a 11 o número real das pessoas que moram nas unidades de residência.

Mais do que estes numeros, o fenômeno que é importante assinalar para compreender as mudanças profundas e rápidas que estão acontecendo no nível dos costumes residenciais deste povo, é o abandono total das grandes residências coletivas, as malocas. Esta mudança, iniciada em Maio de 1984, já estava completada quando nós chegamos em Julho de 1985. Mesmo a pequena casa ovoidal que ainda subsiste e que tem a forma arquitetural de uma maloca, culturalmente já não é mais uma maloca.

No Posto Indígena do Igarapé Lourdes fizemos o levantamento completo dos dados demográficos da população zoró lá residente. Trata-se do mesmo tipo de recenseamento que nós fizemos em 1984 na F.A. Zoró: nome indígena, apelido, sexo, idade aproximativa, estado civil, nome do pai e da mãe, nome do conjuge, número e nome dos filhos, uni-

dade de residência e, sendo que os Zoró da A.I. do Igarapé Lourdes moram em diferentes lugares, introduzimos uma nova categoria para identificar o local de residência de cada um.

Em fim de Novembro de 1985 havia então 34 Zoró, 19 mulheres e 15 homens, morando na A.I. do Igarapé Lourdes. Desses 34 zoró, 20 estão casados e, destes, 15 estão casados com Gavião e 1 com Parintim.

Ficamos sabendo que ha também Zoró que vivem junto dos Cinta Larga, nos postos indígenas Serra Morena e Roosevelt, mas não pudemos averiguar "in loco" as informações. Todavia nossos informantes concordaram em afirmar que os Zoró que vivem nesses postos dos Cinta Larga são 4 homens e umas mulheres.

PATOLOGIAS REGISTRADAS

Como já observamos o ano passado, este ano também a população zoró nos pareceu gozar de um estado geral de saúde muito bom. Na aldeia encontramos pessoas sadias, em boa forma física, bem proporcionadas, fortes.

Assim mesmo houve vários episódios de doença, entre os quais notamos os seguintes: infecção às mucosas da boca, infecções provocadas por picadas de insetos, dois casos de malária, dois casos de pneumonia, infecções aos olhos, um caso de reumatismo agudo.

A mais desses casos individuais houve uma epidemia de gripe que atingiu a todo mundo, muitos casos de diarréia, tantíssimas pequenas chagas e, na parte final de nossa estadia, numerossíssimos casos de doenças da pele.

Houve também frequentes casos de pequenas febres, sobretudo nas crianças, todo mundo pensando que uma nova epidemia de malária estava para começar mais uma vez, mas felizmente passaram sem maiores dificuldades.

Aconteceram vários acidentes, o mais grave tendo ocorrido na época da derrubada, quando um dos galhos de uma árvore que es-

tava sendo cortada caiu e bateu na cabeça de um zoró, provocando uma ferida grande e profunda e a perda do estado de consciência do senhor em questão.

Além disso, um jovem que estava cortando a capoeira se fez um corte muito profundo na perna direita; um menino que estava brincando caiu sobre um pau e abriu uma ferida nas costas que necessitou uma grande sutura; outro senhor se cortou a uma perna na derrubada; dois homens cortando seringa no mato puseram seus pés sobre estepes e se feriram.

Estes são os acidentes que foram tratados no posto de saúde. Muitíssimos outros acidentes de menor porte contudo aconteceram, sobretudo às crianças que gostam de brincar no meio das latas, vidros, caixas e tudo mais que são jogados no depósito do lixo à beira-rio.

Quanto aos problemas crônicos de saúde que apontamos o ano passado é o seguinte: a verminose continua no mesmo estado; o senhor que tinha uma catarata no olho esquerdo foi operado e o olho foi retirado; à perda dos dentes superiores de algumas mulheres foi encontrada uma solução com a aplicação de próteses dentárias; a malformação da coluna vertebral da menina de agora 3 anos continua sem solução, assim como o atraso do desenvolvimento psi-

co-motório numa outra menina de 3 anos.

Um caso que não tínhamos levantado o ano passado é o de um senhor que muitos anos atrás foi atingido por uma flecha no parietal direito e em consequência a visão do olho direito de vez em quando fica perturbada.

Fizemos a historia médica dos Zoró e descobrimos que eles passaram por várias epidemias que reduziram consideravelmente sua população. As testemunhas que nos contaram esses momentos trágicos da história do grupo nos relataram sobretudo epidemias de tuberculose, gripe, diarreia e malária. A diferença para com outros grupos indígenas se acha no fato que estas epidemias golpearam os Zoró antes ainda do estabelecimento do contato permanente com os agentes da sociedade nacional brasileira e, logo, quando este contato se deu, com os peões das fazendas primeiramente, com os agentes da FUNAI depois, a população já achava-se bastante reduzida.

Outro capítulo da história médica foi a tentativa de descobrir, para além das doenças tradicionais e conhecidas dos Zoró, as demais causas de morte, com atenção especial para a mortalidade perinatal e infantil. No desenvolvimento desta pesquisa fomos levados a recolher também dados sobre as técnicas tradicionais de controle da população.

A ADMINISTRACAO DE CUIDADOS MEDICOS

Quando nós chegamos à F.A.Zoró não tinha nenhum atendente de enfermagem e os Zoró explicaram-nos que já fazia uns meses que a última enfermeira tinha deixado a aldeia.

Não tendo atendente de enfermagem na F.A.Zoró não houve por longos períodos o atendimento habitual feito duas vezes por dia, manhã e tarde, que constatamos no ano passado.

Quando o encarregado da Frente estava presente às vezes distribuía ele mesmo os remédios, mas a maioria das vezes mandava que um dos jovens que mais frequentavam o posto da FUNAI o fizesse em lugar dele. Quando mais tarde chegou na Frente um trabalhador braçal, ele foi destacado pelo encarregado para assumir também a tarefa do atendimento de saúde. A esposa do encarregado também distribuía remédios, sobretudo em ocasião das viagens do marido para fora da área zoró. Nós mesmos fomos muitas vezes solicitados para esse serviço por companheiros e amigos zoró que não sabiam mais o que fazer.

No conjunto, então, durante toda nossa permanência na F.A. Zoró o atendimento de cuidados médicos foi prestado sobretudo por pessoal não qualificado para este serviço.

Frente a esta desorganização do atendimento médico, os Zoró estavam bastante preocupados e suas atitudes eram as mais variadas.

No nível concreto, eles não tiveram outra escolha que ir na farmácia e pegar eles mesmos os remédios que achavam mais apropriados para seus problemas de saúde. Na tarefa não fácil de escolher entre os vidrinhos e as caixinhas coloridas que se achavam na farmácia, eles eram muitas vezes ajudados por uns Zoró que, tendo ido se tratar nos anos anteriores em Porto Velho ou em Ji-Paraná, tinham uma familiaridade um pouco maior com este gênero de objetos ocidentais.

Num outro nível, a preocupação dos Zoró se manifestava nas frequentes e ardorosas solicitações que fiseram junto aos agentes da FUNAI, e até mesmo junto do próprio delegado regional, para que um atendente de enfermagem fosse enviado em caráter permanente à F.A.Zoró. Esta preocupação era ainda mais forte que era essa a época das epidemias cíclicas de malária e os Zoró receiavam ter que atravessar esse período sem a ajuda médica à qual ultimamente foram acostumados.

Achamos um novo posto médico em lugar do antigo que existia o ano passado, feito por uma casinha levantada do nível do solo

e constituída de dois cômodos: um que serviria de residência para um eventual atendente de enfermagem e um cômodo que servia como enfermaria e depósito dos remédios.

Na época da tomada dos refens esta casinha serviu também como prisão aonde os refens foram guardados.

Os remédios são basicamente os mesmos do ano passado, quer dizer, remédios para atendimento de primeira necessidade e de pequena doenças.

O que não foi ainda bem organizado é um sistema que permita de repor rapidamente os remédios que se esgotam com a utilização.

O que também não foi ainda encontrada é uma maneira de fazer funcionar o rádio em base estável. Como o ano passado, este ano também durante todo o período que nós ficamos na área o rádio foi eficiente pouquíssimos dias. Hora, dada a localização da F.A. Zoró é de importancia fundamental que condições sejam criadas para garantir o eficiente funcionamento do rádio em carater permanente.

Somente duas pessoas foram levadas para fora da área para receber tratamento: um homem de 25 anos picado por uma cobra no

dia de nossa chegada à F.A.Zoro' e um rapaz de 15 anos atacado pela malária.

Procuramos estudar também a percepção que os Zoro' têm da medicina que a FUNAI lhes fornece e a maneira com que eles utilizam este serviço, quando existe. Por exemplo, que faz um Zoro' quando alguém lhe diz que deve voltar a enfermaria por 5 dias, duas vezes por dia, manhã e tarde?

Nossas notas sobre estes aspectos da percepção e da compreensão que os Zoro' têm da medicina ocidental ainda são muito fragmentárias e precisamos de mais dados.

MEDICINA TRADICIONAL

A falta de atendente de enfermagem na F.A.Zoró levou muitos Zoró a solicitar uma ajuda médica de nossa parte. Esses pedidos foram , pois, uma porta aberta para nós continuarmos a aprofundar nossa investigação sobre a medicina tradicional zoró.

O Zoró que ficasse doente no sistema tradicional podia apelar para vários meios para recobrar sua saúde. Dentro destes mencionamos os dois que tinham mais destaque: a terapia vegetal, conhecida por todos os adultos de ambos os sexos, e as curas dos pajés, praticadas por uns especialistas, os pajés, exclusivamente de sexo masculino.

Tendo o ano passado encontrado uma grandíssima difusão de conhecimentos das propriedades terapêuticas dos vegetais, pudemos confirmar este ano que realmente todos os adultos Zoró possuem estes conhecimentos. Não é bem claro, contudo, como esses conhecimentos eram transmitidos para as gerações mais novas. A observação das práticas atuais não nos permitiu de conhecer este ponto porque dada a atual situação de contato permanente, uma boa parte dos jovens da aldeia parece não estar mais interessada em aprender tais conhecimentos.

Continuamos o reconhecimento de plantas, cipós, raízes, folhas, cascas e flores com propriedades curativas e conseguimos acrescentar mais 75 espécies às 115 que já tínhamos levantado o ano passado.

Procuramos ir um pouco além da colheta empírica de nomes de vegetais e descobrir as categorias de classificação desses remédios em relação com a nosologia zoró. Desvendamos assim um sistema altamente complexo e refinado de classificação que permite aos Zoró organizar sua farmacopéia vegetal em classes ben distintas e definidas em função das diferentes doenças e/ou em função da idade e do sexo dos doentes. Ainda estamos longe de ter compreendido os princípios de classificação corretamente, mas começamos a notar os nomes de 15 classes de remédios.

O outro meio é a pajelança, que, por sua parte, era uma instituição da mais significativa importância para os Zoró. Até há pouquíssimos anos eles podiam contar com pelo menos uma dúzia de pajés, dos quais uns eram considerados grandíssimos pajés. Contudo, os acontecimentos dos últimos anos levaram progressivamente à morte quase todos eles e, por causa das transformações profundas ocorridas, nenhum jovem quer mais iniciar-se a esta prática, resultando na situação atual em que se podem contar somente dois pajés zo-

ró, nenhum do dois praticando a pajelança mais.

Estudamos como eram recrutados os pajés, como eram formados, donde vinham seus poderes e como os praticavam. Continuamos o trabalho investigando o papel do pajé na sociedade zoro', seu status social, as relações entre os vários pajés e as relações entre os pajés e os chefes das malocas.

Uma atenção especial foi dedicada ao estudo das relações que os pajés tinham com as forças e os seres do mundo invisível, os de cima, em geral benignos, e os de baixo, muito perigoso.

Descobrimos assim uma cultura riquíssima e refinadíssima, o mundo invisível zoro' sendo habitado por personagens interessantíssimas, poderosas e bem caracterizadas.

Seguindo o ensinamento dessas personagens e agindo com as forças delas é que o pajé zoro', em sessões especialmente convocadas, praticava suas curas, num clima de festa, de cantos e de danças. O tabaco, pois, era o veículo usado pelo pajé para atingir esse nível de comunicação e colaboração com os seres do mundo invisível.

Procuramos também estudar a classificação das doenças e sua etiologia e ver se existe um paralelo entre esta classificação e a classificação dos remédios. Temos bastante apontamentos sobre

este problema, mas somente poderemos anunciar umas hipóteses quando nossa análise estiver concluída. Por enquanto parece claro que há duas grandes categorias de doenças: as que não levam à perda do estado de consciência e as que, pelo contrário, levam à perda do estado de consciência. Pode acontecer também que uma doença, considerada inicialmente da primeira categoria, venha mais tarde a provocar realmente uma perda do estado de consciência e passe então para a segunda categoria.

Quanto à origem dessa classificação e à etiologia das doenças, precisa-se dizer que elas se fundavam sobre o sistema das crenças e a visão do mundo que os Zoró elaboraram ao longo dos séculos. Por isso agora, em situação de contato permanente, convertidos ao evangelismo e iniciados às práticas e às teorias da medicina ocidental, não gostam de explicar as causas das doenças e, quando investigados neste ponto, respondem que não sabem.

Graças à ajuda dos Gavião conseguimos ultrapassar um pouco esta barreira e pudemos aprender que a etiologia tradicional zoró fazia intervir toda uma série de seres invisíveis que podem provocar até a morte.

Todo um capítulo que abordamos apenas é a feitiçaria. Ela desempenhava um papel muito importante na sociedade zoró.

O MUNDO DAS MULHERES E OS CUIDADOS DAS CRIANÇAS

Graças à presença de uma antropóloga em nossa equipe, este ano nós pudemos pesquisar com muita atenção os momentos importantes do ciclo de vida das mulheres: o menarca, as menstruações, a gravidez, o parto, a menopausa e também toda a prática da contracepção. Nesta pesquisa quisemos identificar tanto os aspetos médicos como os aspetos representacionais.

Normalmente as menstruações das mulheres Zoró duram dois dias, mediamente. Nesses dias elas ficam em casa, de cócoras perto de sua rede. Observamos a utilização de plantas medicinais para fazer parar o fluxo do sangue menstrual, mas não conseguimos averiguar se essas plantas têm ao mesmo tempo um efeito contraceptivo. Procuramos saber mais sobre estes momentos nos tempos idos da tradição e descobrimos, entre outras coisas, que havia toda uma série de proibições alimentares ligadas às menstruações, como também uma utilização muito mais intensa de remédios vegetais. Na época atual, contudo, esta maneira de viver as menstruações está mudando rapidamente e as proibições e os remédios antigos não são mais muito considerados e respeitados.

Durante nossa permanência na F.A.Zoró três mulheres ganharam nenê. Nos três casos houve partos normais, sem nenhuma intervenção externa.

Nós pudemos assistir a um desses partos e acompanhar todos os dias as atividades das três mulheres, antes e depois do parto, até nossa saída da área. Pudemos constatar assim que as parteiras Zoró têm conhecimentos exatos e especializados em obstetrícia, que elas acompanham todo o desenvolvimento da gravidez e desempenham uma parte muito ativa na hora do parto.

Nos três casos mencionados as parturientes tiveram fortes dores de barriga nos três/quatro dias depois do parto e se serviram de remédios vegetais para se tratar. Uma delas, pois, contrariamente ao que costuma acontecer normalmente, mais de um mês depois do parto teve grandes dores de barriga e importantes fluxo de sangue. Ela conseguiu sozinha superar essa hora difícil, sem remédios ocidentais e nenhum outro atendimento importado.

Nós acompanhamos também um caso de aborto natural uns poucos dias antes de nossa saída. Não reparamos nenhum problema especial com a mulher em questão.

Colhemos os nomes das plantas utilizadas como remédios contraceptivos ou para provocar aborto, mas, sendo que elas não pa-

recem ser mais utilizadas, não pudemos ir muito longe neste ponto.

Fizemos observações também sobre a alimentação e as atividades dos pais depois do parto e descobrimos que, na tradição antiga, existiam proibições alimentares e restrições de atividades que deviam ser respeitadas ao longo de muitos meses. Isto era feito para proteger a saúde do nenê e não prejudicar seu desenvolvimento, mas também para proteger os pais. Nesses primeiros meses logo depois do parto o pessoal se servia muitíssimo e de maneira intensa de remédios vegetais.

Continuamos nossas observações pesquisando os cuidados que as crianças recebem, sobretudo nos primeiros três anos de vida. É mister assinalar aqui que dois dos nenês nascidos quando nos estávamos lá, contraíram infecção ao umbigo - causada provavelmente pelas tesouras utilizadas agora para cortar o cordão umbilical - e aos olhos. O terceiro nenê, prematuro de um mês, morreu depois de cinco dias, como já dissemos.

Nós recenseamos um grande número de remédios vegetais que são dados frequentemente às crianças, às vezes aos pais também, desde os primeiros dias de sua vida. As ocasiões da utilização desses remédios, assim como sua posologia e seu lugar no sis-

tema de classificação da farmacopéia zoró também entraram em nossas notas. Esses remédios não são utilizados somente para cuidar das patologias, não são apenas remédios como nós poderíamos compreender: há remédios vegetais para fazer as crianças andarem, dormirem, crescerem e também para que as crianças parem de chorar.

Nós observamos a prática e a frequência da amamentação, as etapas da ablactação, a passagem gradativa para uma alimentação sólida e de que tipo e, de forma geral, tudo o que é higiene e cuidado das crianças pequenas.

Finalmente colhemos informações sobre as diferentes etapas da iniciação pela qual deviam passar as crianças, de ambos os sexos, entre 8 e 14 anos de idade, e dados sobre todo o período da puberdade e da iniciação às atividades sexuais. Depois que o contato permanente foi estabelecido, contudo, os Zoró não mais iniciam suas crianças.

HIGIENE E ALIMENTACAO

Continuamos este ano e aumentamos consideravelmente nosso inventário dos alimentos próprios da dieta zoro' e pelos dados que colhemos podemos afirmar que eles tinham uma dieta bem equilibrada e muito variada, muito mais rica de nosso arroz e feijão de todos os dias.

Procuramos também estudar a questão dos alimentos que os Zoro' não comiam na época tradicional e que somente foram introduzidos na época do contato com os brancos. Interessamo-nos sobretudo ao açúcar, ao azeite e ao sal, comprados com o dinheiro da venda da seringa, e o arroz, cultivado nas plantações comunitárias. Estes alimentos não-tradicionais, junto com outros de menor utilização, se encontram hoje em todas as casas zoro'. O açúcar é acrescentado às bebidas de frutas e algumas vezes comido assim mesmo, sobretudo pelas crianças. O azeite é utilizado para fritar peixes e frangos. Num caso como no outro, constatamos, faltam aos Zoro' conhecimentos adequados para uma utilização sadia desses alimentos.

Ao mesmo tempo reparamos que certas espécies vegetais que tradicionalmente serviam de alimentos são muito menos aproveitadas.

Não há dúvidas de que estas transformações no nível alimentar, ocasionando uma ingestão de quantidades excessivas e não ne-

cessárias de glucídios e lipídios, vão ter a curto termo consequências nefastas sobre o metabolismo zoró acarretando graves problemas de saúde até hoje desconhecidos dessa população.

No que diz respeito à higiene, o ano passado já fizemos uma boa descrição de sua prática junto aos Zoró. Fundamentalmente as mesmas práticas e os mesmos problemas permanecem.

O depósito de lixo continua totalmente acessível e as crianças continuam se ferindo nele; duas das privadas estão ainda bem perto do córrego, com perigo de contaminação das águas. Mesmo se uma delas, a do posto, foi deslocada um pouco, ela continua, em nossa opinião, a uma distancia pequena demais do rio, sobretudo na época das chuvas, e sendo que fica rio acima é realmente perigosa. Duas outras privadas foram este ano construídas pelos Zoró para seu uso e nos parecem bem feitas e bem localizadas.

O problema maior continua sendo o abastecimento de água limpa para cozinhar, preparar as bebidas, se lavar e lavar roupas de corpo e instrumentos da casa. Como já assinalamos o ano passado, este problema só existe na época da seca, mas então é agudo mesmo originando, por sinal, todas aquelas doenças da pele que nós já mencionamos e que aparecem sempre por volta do fim de Agosto.

Sabemos que este problema foi criado em parte pelas derrubadas que foram feitas porque, tirando a cobertura vegetal, expuseram o córrego totalmente ao ardor do sol incentivando o fenômeno da evaporação. O que aconteceu de incrível este ano foi que o encarregado da Frente mandou derrubar também o restante da mata que cobria as cabeceiras do córrego, agravando assim ainda mais uma situação que já era crítica.

O projeto de cavar mais 6 poços, que estava para ser implementado quando nós deixamos a F.A.Zoro', vai poder ajudar somente um pouco para solucionar o problema. Com efeito, parece que as veias de água subterrânea sejam bem pequenas, ao ponto que um dos dois poços já existentes não mais era utilizado em Setembro porque seco. Ficaria pois sempre em aberto o problema da higiene pessoal, porque a água dos poços poderia ser utilizada para preparar alimentos, mas não para tomar banho - os Zoro' costumam tomar banho três vezes por dia no córrego, quando tem água - e para cuidar das roupas, dos instrumentos de cozinha e tudo mais.

Finalmente constatamos que a introdução de alimentos enlatados na aldeia, além dos problemas nutricionais que já mencionamos, é a causa do aperecimento de latas vazias e enferrujadas em todo canto, contribuindo para o crescimento dos casos de cortes e infecções, além de dar um ar miserável à aldeia.